



parecer 2

revisor: fabiana jardim

a escrita escolar e o seu potencial enquanto mecanismo de produção de modos de ser

autores

marta morais sarmento

instituto de educação da universidade de lisboa, lisboa, portugal

e-mail: martamoraissarmento@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-0180-8225>

tiago almeida

escola superior de educação do instituto politécnico de lisboa, CI&DEI, lisboa, portugal

e-mail: tiagoa@eselx.ipl.pt

<https://orcid.org/0000-0002-3557-0623>

jorge ramos do ó

instituto de educação da universidade de lisboa, [UIDEE](#), lisboa, portugal

e-mail: jorge.o@ie.ulisboa.pt

<https://orcid.org/0000-0003-1013-9244>

como citar este artigo:

APA: Sarmento, M. M., Almeida, T., & Ó, J. R. (2025). A escrita escolar e o seu potencial enquanto mecanismo de produção de modos de ser. *childhood & philosophy*, 21, 1-20. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2025.93144>

ABNT: SARMENTO, Marta Moraes; ALMEIDA, Tiago; Ó, Jorge Ramos do. A escrita escolar e o seu potencial enquanto mecanismo de produção de modos de ser. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-20, 2025. Disponível em: [inserir link]. Acesso em: [inserir data].



Conforme o artigo, seu objetivo é “problematizar o modo como conceitos como os de subjetivação e modos de ser podem estar intimamente relacionados com o ato de aprender a ler e a escrever e abrir caminhos para que se possa pensar o modo como o ensino da leitura e da escrita em contexto escolar transmite mais do que uma competência ou uma técnica, transmite formas de ler o mundo”. Para isso, traz uma reflexão sobre os nexos entre subjetivação e escolarização, centrada na transmissão das práticas de leitura e escrita e os modos pelos quais tais práticas são agenciadas pela instituição escolar. O artigo é pertinente ao escopo da revista e, além disso, trata de uma questão relevante: os sentidos da leitura e da escrita, reafirmadas como centrais àquelas habilidades que a escola deve contribuir para desenvolver em estudantes, mas deslocando-a da abordagem utilitária que por vezes domina o debate público (ao menos no Brasil, muitas têm sido as tentativas de restrição do papel da escola ao ensino do “ler, escrever e contar”; frequentemente, tais tentativas mobilizam o discurso do “direito à educação” e da “qualidade da educação”, o que registra como o mesmo tema pode ser articulado a problematizações que em nada se ligam à fruição ou a à liberdade).

O texto é muito bem escrito e bem-organizado em três seções e conclusão. No entanto, poderia explicitar melhor, já na apresentação, o fio lógico da argumentação e os procedimentos de pesquisa, adensando a conexão entre cada uma das seções.

Em nossa leitura, o resumo e o objetivo, acima mencionado, não estão de acordo com o efetivamente realizado no texto. O artigo traz uma reflexão mais ampla sobre os nexos entre escola e subjetivação (e já nas frases iniciais se produz algum estranhamento, entre a afirmação de que “Enquanto seres humanos com almas inteligíveis e impalpáveis, procuramos a sua compreensão e interpretação, sendo que uma subjetividade se torna na forma como aprendermos a ler e a interpretar a nossa alma, a nossa identidade, o nosso eu, à luz das estruturas e discursos que nos rodeiam” e a abordagem foucautiana reivindicada que, em nosso entendimento, não imagina a alma como um a priori, a ser interpretada no jogo entre subjetivação e sujeição), segue explorando os diferentes usos e sentidos da escrita, enquanto linguagem que produz efeitos específicos de representação, compreensão e subjetivação e, na sequência, trata dos potenciais do ensino de

escrita na escola, com destaque para a dimensão da subjetivação, analisada em sua conexão com a constituição de “um ou uma estudante” – abstrato e universal. Nesta última seção é que a não definição mais precisa do que se compreende por subjetivação, em sua dupla dimensão de sujeito de e sujeito a, faz falta: não há referência aos modos com que estudantes habitam e tensionam essa forma específica de subjetivação correlata à leitura e escrita que a escola propõe, por exemplo, na chave das contra-condutas ou resistências; há apenas a menção aos dispositivos de avaliação, geralmente ligados às práticas de leitura e escrita no interior da instituição escolar. Em nossa leitura, o artigo poderia ganhar em força argumentativa e na potencial contribuição ao campo de estudos sobre infância, escola e ensino de escrita, se ancorasse a reflexão na posição específica do sistema escolar português e em problematizações, disputas e rearranjos que aí tem lugar. Ou, ao contrário, se assumisse como objetivo central a definição de uma agenda de investigações para o campo da ensino da leitura e da escrita, conferindo maior espaço no texto para o exame de noções-chave.